

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
ESPECIALIZAÇÃO SABERES E FAZERES NO ENSINO DE
ARTES VISUAIS

CAIO CÉSAR COUTINHO GONÇALVES DA SILVA

AQUI E AQUI:
Ser artista e ser educador

Rio de Janeiro
2024



CAIO CÉSAR COUTINHO GONÇALVES DA SILVA

AQUI E AQUI:

Ser artista e ser educador

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Raquel Teixeira de Souza
M.a. em Ensino de Artes Visuais do programa de Mestrado profissional em artes (PROF-ARTES), no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (IA/UNESP)

Rio de Janeiro

2024

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

S586 Silva, Caio César Coutinho Gonçalves da
Aqui e aqui : ser artista e ser educado / Caio César Coutinho Gonçalves
da Silva. — Rio de Janeiro, 2024.

28 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e
Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de
Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Raquel Teixeira de Souza.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Artistas como professores. 3.
Descolonização. 4. Experimentação pedagógica. 5. Infância. 6.
Imaginação. I. Souza, Raquel Teixeira de. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

CAIO CÉSAR COUTINHO GONÇALVES DA SILVA

AQUI E AQUI:

Ser artista e ser educador

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: 29 de fevereiro de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. M.a Raquel Teixeira de Souza (Orientadora)
Colégio Pedro II

Prof. Ph.D. Renato Nogueira (Membro externo)
UFRRJ

Prof. Dr. Marcelino Euzebio Rodrigues (Membro Interno)
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2024



Cada pessoa é importante para o conjunto.
PEMPANSIE

RESUMO

SILVA, Caio César Coutinho Gonçalves da. **Aqui e Aqui**: Ser artista, ser educador. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2024.

Explorando as interconexões entre vida pessoal, arte e educação, este trabalho propõe experimentações fundamentadas no livro ilustrado "Aqui e Aqui". O autor reflete sobre desdobramentos e encontros decorrentes de sua função como artista-etc vista por Ricardo Basbaum, dialogando com Luiz Rufino e Renato Noguera. Referenciando em Noguera a Infância como estado de transformação, busca-se repensar modos de ser no mundo com a produção de mais valia de vida. Por outro lado, as contribuições de Rufino sobre a educação como combate a colonização, enriquece a união das funções de um artista-etc. A experimentação pedagógica, consciente das urgências educacionais e na manutenção de valores afro-civilizatórios, utiliza apontamentos de possíveis leituras/temáticas e o exercício da imaginação da educação como armas contra a colonização. Essa multiplicidade de conexões entre o trabalho do educador e artista, incorporada ao reflexivo processo sobre infância e descolonização educativa, contribui para uma visão mais abrangente e comprometida com questões sociais, fortalecendo a conexão entre produção artística e atuação educacional.

Palavras-chave: Educador-Artista; Descolonização; Experimentação Pedagógica; Infância; Imagem.

ABSTRACT

SILVA, Caio César Coutinho Gonçalves da. **Aqui e Aqui: Ser artista, ser educador.** 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e Fazer no Ensino de Artes Visuais) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Saberes e Fazer no Ensino de Artes Visuais, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2024.

Exploring the intricate connections among personal life, art, and education, this work proposes an experimentation grounded in the illustrated book "Here and Here." The author reflects on unfolding developments and encounters stemming from their role as an artist-etc, engaging in dialogue with Luiz Rufino and Renato Nogueira. Drawing inspiration from Nogueira's perspective on childhood as a transformative state, the aim is to rethink ways of being in the world and generating life value. On the other hand, Rufino's insights on education as a combat against colonization enrich the fusion of roles as an artist-etc. The pedagogical experimentation, mindful of educational urgencies and the preservation of Afro-civilizational values, utilizes insights from potential readings/themes and the exercise of education as weapons against colonization. This multiplicity of connections between the roles of educator and artist, embedded in the reflective process on childhood and educational decolonization, contributes to a more comprehensive and socially committed perspective, reinforcing the link between artistic production and educational engagement.

Keywords: Educator-Artist; Decolonization; Pedagogical Experimentation; Infancy; Imagination.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO - SER ARTISTA E SER PROFESSOR	8
2 PERCURSO DE VIDA, PERCURSO DE ARTE	9
2.1 Educação e Ausência	10
3 AQUI E AQUI	13
3.1. Aqui e Aqui: Mirar no futuro, escrever ideias	16
4 INFÂNCIA É CAMINHO.	19
4.1 Possibilidade de experimentação - Imaginar: Criar coisas	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO - SER ARTISTA E SER PROFESSOR

A interseção entre Arte e Educação é um terreno fértil para a reflexão e a expansão de práticas enriquecedoras tanto para artistas quanto para educadores. Como artista e educador, tenho emergido dessa dinâmica ao longo da minha trajetória profissional e pessoal, buscando constantemente compreender e aprimorar os caminhos que percorro em minha jornada criativa-pedagógica.

Minha licenciatura em Belas Artes, cursada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) teve como principal arcabouço conceitual e metodológico a professora e pesquisadora Ana Mae Barbosa, que articulou o ensino entre objeto de arte e educação estética. Entrelaçando o fazer artístico, a fruição e contextualização reflexiva, gera a Proposta Triangular, incitando uma virada cultural do movimento Arte-Educação. A partir de então situo a nomenclatura arte-educador como a que melhor contempla as atividades profissionais que exerço.

Me apropriei do que o artista/pesquisador/escritor/professor do Rio de Janeiro, Ricardo Basbaum (2013) chama de artista-etc, percebendo meus trabalhos como artista, arte-educador e pesquisador integrados e em propulsão, possibilitando a expansão do meu fazer. Fundamental destacar: a convergência dessas atuações não se dão de forma linear ou estática, pelo contrário, trata-se de um processo complexo e dinâmico, no qual cada função interfere e complementa a outra.

Quando um artista é artista em tempo integral, nós o chamaremos de 'artista-artista'; quando o artista questiona a natureza e a função de seu papel como artista, escreveremos 'artista-etc' (de modo que poderemos imaginar diversas categorias: artista-curador, artista-escritor, artista-ativista, artista-produtor, artista-agenciador, artista-teórico, artista-terapeuta, artista-professor, artista-químico, etc); (Basbaum, 2013, p. 8).

Como bem salienta Basbaum (2013), o termo “artista” não pode ser reduzido a uma única definição, pois em si já seria um termo/conceito complexo e multifacetado que pode interagir em diversas áreas, onde aqueles que se entregam às atividades no campo da arte são levados a conhecer novos caminhos. Ele nos apresenta a figura do “artista-etc”, aquele que explora conexões entre arte e vida “[...] abrindo caminho para a rica e curiosa mistura entre singularidade e acaso, diferenças culturais e sociais, e o pensamento.” (idem, 2023, p. 168)

O presente trabalho abordará justamente estas múltiplas camadas, trazendo à tona as interações e complementações nesta pesquisa entre o meu trabalho de arte-educador e o meu trabalho de artista. Com o propósito de sugerir perspectivas

de diversidade, mirando a possibilidade de mudança do status quo e das descolonizações necessárias no campo da Arte-Educação, utilizarei o livro álbum, de minha autoria, “Aqui e aqui” (Zero, 2023). como mote para ações estético-pedagógicas.

Para nos auxiliar nessa jornada, trago ao texto o pedagogo e escritor Luiz Rufino (2021) que nos faz refletir sobre a produção da vida e educação que contrabalanceia o modelo colonizador, ficando nossos pés numa realidade brutal e que requer atenção e cuidado para a manutenção do mundo.

Vivemos em um mundo fraturado. Talvez, seja mais oportuno dizer que aquilo que nos foi apresentado nos últimos séculos é uma espécie de antimundo, pois sua lógica está alicerçada em apresentar um modelo de existência somente possível em detrimento do desvio da subordinação e da humilhação de tantas outras formas viventes (Rufino, 2021, p.8).

Nos acompanhará junto a Rufino o professor, pesquisador e escritor Renato Noguera (2019), autores fundamentais para refletirmos sobre as temáticas de educação, colonização e manutenção da mais-valia de vida a partir de um estado chamado “infância”, assim, estimulando a propor mudanças, à combater o “antimundo” e sua lógica autodestrutiva, inaugurando ações educativas abridoras de novos caminhos.

Portanto, passaremos pela contextualização da minha produção enquanto artista que se mescla às experiências vividas, para que depois possamos compreender a relação do livro Aqui e Aqui (2023) e suas potenciais leituras, combinadas às reflexões do fazer artístico. Em seguida, a partir da escolha de um percurso para se estruturar a possibilidade de experimentação, trataremos conceitos baseados em afroperspectiva para nos conduzir a uma ação mais pungente, dialogando com a experiência de vida (Bondía, 2002) e produção artística com os teóricos citados.

2 PERCURSO DE VIDA, PERCURSO DE ARTE

Meu percurso e reconhecimento pessoal como artista se caracteriza por diversas questões que partem de um processo de vida imbricado totalmente ao meu percurso educativo. Não apenas a educação formal escolar, mas educação ensinada pela cultura da comunidade em que vivi/vivo e seu entorno, a educação de partilha pelos projetos sociais e a educação familiar.

Muito da demanda que sinto para criar um projeto ou uma narrativa, é fruto de presenças e ausências desses percursos da vida, dos atravessamentos das

educações e vivências, sobretudo o que tange minhas memórias, corpo e espaço onde fui/estou inserido, com um olhar para o futuro, atento às questões pessoais e sociais.

Atualmente trabalho desenhando e escrevendo histórias para livro álbum e histórias em quadrinhos e tenho a nítida memória de como isso começou, porém antes de me despertar o interesse em contar histórias, precisava ter algo para contar e acredito que o processo artístico nasce desse lugar, antes de fazer necessariamente o livro, desenho e afins, antes de tudo é o momento de ouvir, ver e vivenciar experiências, cabe aqui, expor que o que coloco como experiência está sedimentado na filosofia de Jorge Larrosa (Bondía, 2002) quando nos possibilita refletir sobre a experiência, sendo não apenas o que passa em nossa vida, mas como vivemos e compreendemos sobre o que nos acontece, sendo ela, uma experiência subjetiva, a partir de como damos significados a momentos da vida. Hoje compreendo que minha escrita carrega minhas experiências enquanto homem negro na sociedade.

Apreciar o bairro, ouvir as histórias da vizinhança sobre o “antigamente na minha época”, as fofocas, perceber suas particularidades, sua gente, seus vícios, seus jogos, seu ritual, onde se comemora a festa do carnaval, onde é a praça que culminam os fogos do fim de ano, conhecer os bares, as lojas, os profissionais. Olhar esse lugar e perceber que minha trilha, com os emaranhados de caminhos de tantas gentes e territórios, já era meu percurso artístico em movimento. Outro momento foi conhecer uma linguagem que me fornecesse essa possibilidade de contar as histórias e que me despertasse a curiosidade e desafio no fazer artístico.

Tomando as palavras da escritora e professora Conceição Evaristo (2020) emprestadas, esse meu fazer artístico “[...] é uma escrevivência que se dá realmente através dessa vida, que é a vida do povo negro [...]” Transformando a vivência e experiência negra como material de ficção.

2.1 Educação e Ausência

Lembro de estar na escola, no ensino médio, tempo vago, vi no canto da sala um livro com capa laranja e preto escrito “Persépolis”, peguei e para a minha surpresa era uma história em quadrinhos da quadrinista, escritora e cineasta Marjane Satrapi (2007). Uma autobiografia que retrata desde sua infância até a vida adulta no Irã, durante e após a Revolução Islâmica, foi encantador. A partir daquela

leitura pensei que poderia também escrever histórias, assim, criava um laço de afinidade com o processo de contar histórias pela linguagem dos quadrinhos.

A partir dos códigos utilizados nas histórias em quadrinhos como escrita e desenho, percebi uma oportunidade para dizer e mostrar coisas que não achava nas histórias que lia, algo que pertencia ao mundo em que eu participava e construía, relacionando a minha experiência de ler a história e comunicar com a minha vida pessoal, me colocando no lugar do outro, ou melhor, reconhecendo que no meu lugar também existem histórias a serem contadas. Criando um laço entre a experiência comunicada e minha própria experiência de vida.

Esse contexto de artista-etc, possibilitou minha expansão criativa, a partir das interações com a Educação. Pois, quando penso em um novo projeto para escrever, sobretudo quando é a produção de livros, sempre volto as ausências de referências e repertórios que tive nas escolas que estudei, como a escassez de obras e/ou aulas com assuntos sobre colonização, negritude, coletividade, e etc. É compreendendo essas ausências nos currículos e debates escolares que me ponho a escrever/ilustrar, criando uma tentativa de ecoar temáticas que acredito que são de extrema importância para a nossa sociedade. Possibilitando que outras crianças e jovens tenham esse repertório, discutam sobre esses assuntos e reconheçam suas histórias.

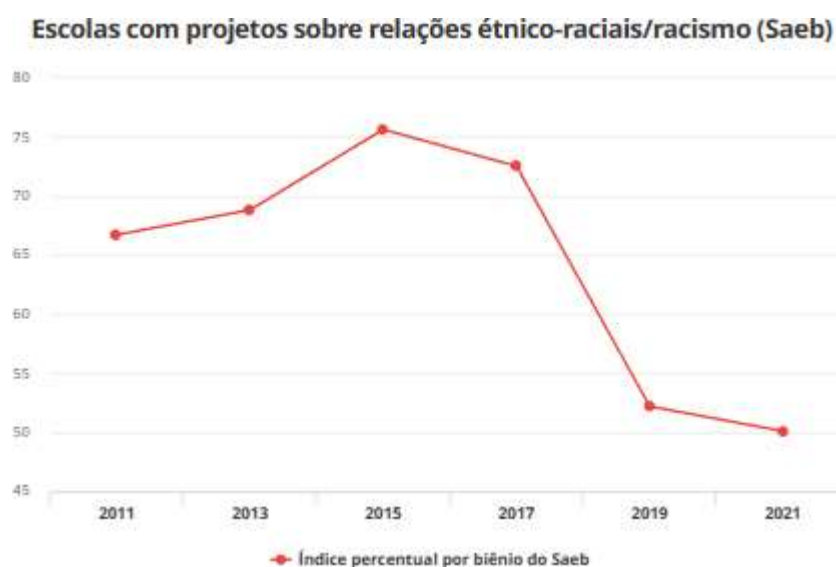
Somos seres de experiência. Tudo o que se passa na vida nos atravessa, nos altera e faz com que cada um de nós seja único, mas habitado por muitos - e nessa multidão singular tecemos uma rede infinita de aprendizagens (Rufino, 2021, p. 17)

Acredito que quanto mais avançamos com assuntos relacionados a colonialidade, negritude, educação e cultura dentro dos espaços formais e informais mais construímos novas experiências de sociedade.

Na minha educação básica, por exemplo, só pude desfrutar do uso da biblioteca nos últimos anos escolares entre o 2º ano e 3º ano do ensino médio, hoje as duas escolas dos primeiros anos do Ensino Fundamental em que trabalho, situadas na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro têm bibliotecas com riquíssimos títulos e temáticas, criando assim uma abertura para novos horizontes. Sei que essa pequena experiência não abarca toda a realidade da educação brasileira, mas olhando as micropolíticas daqui, houve algumas mudanças, claro que isso não chegou em todas as escolas e bairros, e que o caminho ainda é longo. Em

contraste aos exemplos positivos, trago o dado de uma matéria do G1¹ (Julho, 2023) que aponta o índice de escolas com projetos sobre relações étnico-raciais mais baixos em relação há alguns anos. Sobretudo entre 2018 a 2021 onde a queda foi muito maior, apontando indícios de que o racismo ainda existe e precisa ser confrontado para ser dizimado.

Figura 1 - Gráfico em relação a escolas com projetos sobre relações étnico-racial do site G1



Fonte: Todos pela Educação (2023)

Está em curso o mesmo projeto colonizador, apesar das pequenas rachaduras causadas pela luta intensa de educadores, artistas, projetos sociais e afins que enfrentam uma sociedade mantenedora do status quo, recheada de desigualdades, cultivadora da violência na agricultura dos afetos² (Nogueira, 2022), produtora dos mais horrendos cenários de discriminações. Assim, como aponta uma matéria da Exame³ (Julho, 2023), os registros de racismo e homofobia tiveram uma alta de 53% em 2022. Fazendo relação entre os dois dados, é próximo ao ano que tivemos menos projetos sobre relações étnico-raciais nas escolas, ficando mais

¹<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/07/25/pais-tem-pior-indice-em-10-anos-de-escolas-publicas-com-projetos-para-combater-racismo-aponta-levantamento.ghtml>

² De acordo com Nogueira “Agricultura dos Afetos” seria pensar como nosso território afetivo é cultivado, de que maneira cultivarmos esse território, que tipo de adubo ou nutriente de afetações estamos usando para arar e cultivar esse território de sobrevivência.

³<https://exame.com/brasil/registros-de-racismo-e-homofobia-no-brasil-tem-alta-de-53-em-2022-aponta-anuario-de-seguranca/>

evidente o recrudescimento de uma ideologia que não respeita e reconhece a nossa diversidade.

E aqui, nesse ponto de encanto e luta que é o espaço da educação, se faz presente minha busca pela mudança. Quando crio livros ou estou em sala de aula, busco afetar essa estrutura para que aos poucos se multipliquem nossas “pontas de lança” e que o amanhã se torne um dia melhor. Como afirma o rapper BK (2017) “Sempre que você começa a trabalhar com arte, a sua sensibilidade para o mundo é maior [...]”. E também quando trabalhamos com arte que nossos sentidos expandem, conhecemos outras culturas, outras línguas, rituais e afins e isso pode nos fazer ser “menos neuróticos” (BK, 2017) e ser mais aberto a conhecer, respeitar e viver de uma forma melhor com o outro.

Desse modo penso o processo educativo/artístico como uma esfera de autoconhecimento, liberdade, esperança e cura. Já que nos proporciona conhecer a nossa diversidade e também outras culturas. Um espaço dialógico que incentiva a sensibilidade, a empatia, levando em conta nossa grande diversidade cultural e social, de realidades repletas de sentidos e significados distintos, onde adentramos nossas narrativas pessoais, sociais e plurais.

Essas expansões do trabalho como artista-etc, possibilita um jogo que parte da educação para a arte e da arte para educação que expandem as potencialidades das duas atuações e me permite transitar entre necessidades e demandas com um olhar para o futuro. A própria escrita desse trabalho, materializa esse percurso entre o pensar, o fazer e o atuar nessas frentes e fronts.

3 AQUI E AQUI

“É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança” [provérbio africano]. A partir das perspectivas citadas, de onde penso elementos para a criação, o livro álbum *Aqui e Aqui* (2023), lançado pela Companhia das Letras em seu selo infantil chamado Companhia das Letrinhas, nasce de uma memória de infância, que misturava na época mistério e acolhimento. O livro conta a história de um menino que dormia em uma casa e acordava em outra, durante o livro ele tenta buscar a solução desse enigma a partir da imaginação, muito baseada em seu gosto particular em ficção científica, apesar de nunca conseguir uma resposta clara em

suas investigações, ele acorda no meio do percurso entre uma casa e outra, supostamente descobrindo o que leva ele de um local ao outro.

Figura 2 - Capa do livro Aqui e Aqui



Fonte: O autor (2023)

A história é baseada na minha infância. Quando criança era levado pela minha mãe para a casa da vizinha Luzimar, no desafio de tentar chegar ao trabalho na hora, aquela velha história de quem mora no subúrbio com péssimas condições de transporte e distante do bairro onde trabalha, tornando um deslocamento desumano. Sempre que acordava pela manhã para me preparar para a escola, já estava em outra casa. Me intrigava como isso era possível e sempre que perguntava a minha mãe ela nunca respondia, geralmente desconversava ou me desafiava a encontrar minha própria resposta.

Por muito tempo, minha mãe buscou instigar a imaginação e a buscar em mim resposta aos dilemas e mistérios da infância, o que inicialmente foi um processo curioso, se tornou depois em um processo poético de amadurecimento e descobrimento pessoal. Desenvolvia, assim, a capacidade de enxergar a magia e o encanto mesmo em meio a desafios e mazelas, um poder que me possibilitou enfrentar as adversidades com criatividade e resiliência. O que Renato Noguera vai chamar de produção de mais-valia de vida, sendo essa capacidade de “reunir experiências espirituais restauradoras e ações políticas transformadoras e

democráticas [...]” (2019, p.132), algo que se estenderá no meu percurso enquanto artista-etc, nas áreas de atuação e na minha educação.

Figura 3 - Aqui e Aqui, páginas 10 e 11



Fonte: O autor (2023)

Aproveitei a memória que transita entre o fantástico da imaginação infantil, as mazelas sociais e o acolhimento da Luzimar e outras redes de apoio para criar essa história, ainda que no final a personagem não fale com exatidão o que ele descobriu, ele descreve que o que levava de uma casa para outra: “Era Mágica!”, possibilitando a manutenção desse encantamento entre a compreensão da realidade e a fantasia da criança, mesmo que a experiência da infância tenha sido afetada pelas condições sociais, políticas e econômicas no contexto em que vivia.

Olhar toda a situação como mágica (como o personagem diz) é perceber que apesar das mazelas, há um ponto de encanto, um ponto de afeto, acolhimento, que se reforça em mim e demonstra o quanto fui educado e criado a partir de um senso coletivo, pela minha mãe, pela Luzimar, por outras vizinhas e vizinhos, desconhecidos e parentes, projetos sociais... pelo meu bairro. É curioso perceber que essa identificação e valorização que criei de uma forma aparentemente espontânea, a partir da sensibilidade e da vivência, reflete em alguns itens o que Azoilda Trindade (2006) trará como valores civilizatórios afro-brasileiros, a Circularidade, Oralidade, Corporeidade e Cooperativismo/Comunitarismo. Isso me faz perceber que o processo desses valores está impregnado nessas comunidades de troca e apoio. Mesmo sem minha mãe ou a Luzimar terem tido acesso a essa

leitura existiu uma relação de laços afetivos capaz de gerar valores para a comunidade.

Penso também que criar livros que lançam a observação para essas temáticas e situações sugere duas coisas; primeiro é me conectar a outras pessoas que passaram na infância essa mesma situação e que talvez, hoje, sendo pais e mães, se sintam mais sensibilizados com essa questão de ausências e deslocamentos durante o crescimento da criança. Segundo, me conectar aos pequenos leitores que ainda passem por isso ou até mesmo aos responsáveis mais antigos que ao ler possam se sentir pertencentes à história. E ainda, aos leitores mirins e adultos, que mesmo distantes dessa situação poderão ser afetados, se conscientizando das diferentes realidades de muitas crianças.

Nesse sentido percebo como esses pontos de encontros de gerações e contatos, seja pela leitura com o outro ou a leitura para si, são semelhantes a relação da educação. Com as gerações anteriores contribuindo para a formação/sensibilização educacional da geração atual, transmitindo aprendizados que ecoam ao longo do tempo. Criando um ponto que rasga a linearidade do tempo e que pensa a conexão do passado com o presente, como diz BK' (2022):

Eu sou a continuação de um sonho/ Da minha mãe do meu pai/ De todos que vieram antes de mim/ Eu sou a continuação de um sonho/ Da minha vó, do meu vô [...] (BK', JXNV\$ - Continuação de um sonho)

Com isso, entendo o quanto esse processo atrelado a conexões, ensino, tempo, imaginação e gerações, está conectado à luta contra a colonização. Como afirma Rufino: “Cotidianamente se faz luta com as experiências, os saberes e as tecnologias ancestrais que emanam da diversidade de jeitos de sentir, vibrar e praticar o mundo com as coisas que por ele passa” (2021, p.9)

3.1. Aqui e Aqui: Mirar no futuro, escrever ideias

Vislumbro neste livro desde a origem das ideias na montagem até seu resultado final, a produção de mais-valia de vida, o estado de milagre que é a Infância. Seguindo os pensamentos de Noguera em o Poder da Infância (2019), um texto escrito por uma coletividade, segundo o autor, que compreende uma multiplicidade no saber, no ser e no viver integrado ao estado de Infância, com sua luz pulsante para um futuro melhor. Alinhando-se ao que Rufino (2021) versa sobre a descolonização e uma educação de guerrilha contra os distúrbios que a

colonização produz, sobretudo no que tange o encantamento, o olhar para o sensível, enquanto contrapartida ao adoecimento causado pelas dinâmicas da sociedade colonial. Portanto, *Aqui e Aqui*, o processo de sua realização e os desdobramentos que poderão advir dele, se torna ponta de lança para se pensar, educar e combater as durezas dos resquícios colonizadores, impostos e dispostos na nossa sociedade.

Nas possíveis leituras do livro há uma série de elementos que podem tensionar diferentes questões e temas como os discutidos até então, presentes nas narrativas visuais e textuais que convergem em dinâmicas do exercício de um artista-etc. Para isso, o uso de imagens do livro se torna mais que necessário, entender a passada de página do livro e ter em mente que palavras e imagens se conectam criando novas informações, são elementos essenciais para as ampliações de leituras e temáticas que o livro sugere.

Figura 4 - *Aqui e Aqui*, páginas 12 e 13



Fonte: O autor (2023)

Dentro dos temas abordados podemos falar sobre imaginação infantil, bairro operário/periférico, desigualdade social, afetividades, construções coletivas, condições de trabalho/transporte, mães solo e negritude. Todas as possíveis leituras de temáticas caminham pela narrativa principal, sendo este, o ponto de vista do menino em sua descoberta e enquanto as palavras apontam uma busca, as imagens ampliam o repertório do que está acontecendo com aquele menino.

Considerando que dependendo do lugar/contexto que se esteja fazendo uma ação educativa com o livro, algumas temáticas já estarão implícitas no cotidiano da criança e esta questão também estará situada em algumas questões abordadas. Exemplo, se esse livro é trabalhado fora de uma realidade onde a comunidade tem participação ativa no cuidado da criança, talvez, fazer esses questionamentos amplie a possibilidade de conhecer outras realidades das/os participantes, já para crianças que vivem de casas em casas, entender que a personagem vai para a casa da vizinha não soa estranho, pois já lhe é familiar.

Outro marcador que nesse caso pode estar presente em ambos os contextos sociais é a ausência de uma figura paterna, compreendendo a presença de uma mãe solo na dinâmica familiar. Em contrapartida a questão do bairro de ter casas iguais, geralmente é a mais desconhecida, tanto para as crianças que vivem em um ambiente de bairro operário, onde normalmente as casas são iguais, quanto para as crianças que vivem em lugares onde as casas são diferentes, a não ser que uma criança interaja no contexto social/geográfico da outra, esse questionamento passa muitas vezes despercebido na infância, vindo a questionar mais tarde, depois de ter vivido novas experiências e ter conhecido outros lugares, outras arquiteturas.

Figura 5 - Aqui e Aqui, páginas 48 e 49



Fonte: O autor (2023)

E por fim, podemos abordar as leituras (texto, imagem e sequência narrativa) a partir da perspectiva do narrador que nesse caso é a própria criança, buscando

solucionar o seu mistério a partir de elementos familiares. O espaço da imaginação transborda, borbulha ideias e sugestões nos possibilitando experimentar, conhecer e expandir o mundo. Quem nunca enquanto criança não quer tocar nos objetos, sentir seus gostos, ouvir seus barulhos? Preservo em mim, ainda, experiências da infância ao querer sentir uma folha com a mão, sentir seus veios, textura, umidade, entender suas formas, cores, odores e assim, estabelecer visões e compreensões de mundo/vida, pelo o que se sente, se intui e se crê. É a partir dos cosmosentidos que a imaginação se entrelaça com o real neste livro.

Enquanto fazemos uma leitura do livro é possível perceber uma série de elementos e temáticas que vão se desenrolando na história. Seja a relação de uma família sem a presença de um pai, a ausência da mãe no dia-a-dia, a relação de rede de apoio, o afeto como poder transformador, a imaginação infantil entre outros temas. Acredito que todos esses temas são bem-vindos para discussão com nossos pequenos e grandes leitoras e leitores, pois lançam um olhar para alguns contextos sociais, que ainda infelizmente acontecem. Para que possamos sensibilizar sobre essa realidade aos que não a vivem e conectar os que vivem, apontando para um futuro empático.

4 INFÂNCIA É CAMINHO.

Enquanto arte-educador um elemento presente na criança que me impulsiona a criar e admiro, é a possibilidade de acessar, o que Nogueira chamará de 'Infância'. Sendo esta, "Uma condição através da qual as crianças se expressam com mais frequência do que os adultos [...]" (2019, p.4). Essa Infância pode ser traduzida, em afro- perspectiva, como "[...] cosmosentidos que permitem reinaugurar experiências e produzir mais-valia de vida.[...]" (2019, p.5).

A categoria da infância segundo Nogueira seria "[...] um estado de perceber e habitar a realidade: uma potência criativa, inventiva, capaz de olhar a realidade como se fosse sempre a primeira vez [...]" (Nogueira, 2020). Como quem inventa modos de viver no mundo, o que contrapõe toda a ideia da alteração colonial que nos afastou da produção de vida, adulterando-a e nos adoecendo.

Essa capacidade de acessar o campo da transformação como um circuito de experimentar-ser no mundo, sendo este lugar um espaço do *poder ser*, longe de definições absolutas, me permite refletir que este é um acesso à pulsação do viver.

E viver está inteiramente conectado à esfera da imaginação, pois nos permite inventar um mundo diferente do que estamos vivendo, sem tirar os pés da realidade, mas procurar outros caminhos para a transformação.

Aliado a categoria da infância Noguera destaca os sentidos de mundo a partir de perspectivas afro centradas:

A afroperspectividade opera articulando as possibilidades advindas de todos os sentidos para apresentar o mundo. De modo que não se trata de uma visão de mundo; mas, lançamos mão de olfatos de mundo, audição de mundo, tato de mundo, paladar de mundo (Noguera, 2019, p.3)

De certa forma, compreender esses sentidos de mundo vinda de uma afroperspectiva me faz pensar no que o Rapper MC Marechal escreve na sua faixa, Primeiro de Abril (2017): “Não pense como eu penso/ Ou aja como ajo/ Apenas reaja ao senso/ Seja capaz de sentir [...]”. Sabendo-se um rapper tido como referência no cenário em que atua, para ele é muito mais importante que seu público seja capaz de sentir algo, do que o copie, pense como ele e aja como ele, tornando assim, a dimensão do sentir como um elemento importante para se entender o mundo e a si mesmo.

É importante que esses dois conceitos, Infância e Sentidos de Mundo estejam alinhados, pois o estado de presença no exercício da prática educativa se dá por uma série de mecanismos internos de movência entre o pensar e o imaginar. O afeto, o cuidado, atravessam nossos sentidos e como enxergamos o mundo, podendo ser um modo de descolonizar os nossos olhares/sentidos. Enquanto educador, penso nessa multiplicidade de atravessamentos para se pensar e desenvolver a experimentação a partir do livro *Aqui e Aqui*.

Dentro desse contexto, o processo de educação para a descolonização pensado por Rufino, se aproxima da minha intenção enquanto proposta de experimentação educativa, pois segundo ele:

A educação como descolonização está implicada a uma política de vida, ou seja, tem seus atos focados em contrariar os ditames da agenda dominante. A educação diz acerca de práticas cotidianas; pertencimento coletivo; fortalecimento comunitário; ética responsiva; aprendizagem e circulação de conhecimentos que reposicionem e vitalizem os seres atravessados pela violência colonial (Rufino, 2021, p.14)

Assim, reafirmo meu compromisso e posicionamento em negação às violências da colonização, integrando uma prática educativa que atenderá

emergências a partir da liberdade, autoconhecimento e cura, a partir da temática da imaginação bem como salienta a categoria de infância introduzida por Noguera.

4.1 Possibilidade de experimentação - Imaginar: Criar coisas

Refletindo as possibilidades de experimentação a partir da infância e sentidos e visões de mundo com base nas contribuições, estudos e reflexões de Renato Noguera e colaborações do pensamento de uma educação descolonizadora, combatente e ativa por Luiz Rufino, trago a temática da fantasia, do imaginário, a fim de responder a uma questão que o livro *Aqui e Aqui* (2023) tensiona. A fim de possibilitar leituras que acessem esse espaço da imaginação, mas que ao continuar a leitura/contação do livro possamos aterrissar os pés na realidade, como afirma o pesquisador das infâncias Gandhi Piorski (2016): “A imaginação é a faculdade com a qual a criança dialoga com a vida [...]”. Assim dou continuidade às possíveis experimentações/proposições, pensadas sobretudo para crianças do último ano da Educação Infantil e os primeiros dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Com o objetivo de ambientar as crianças à questão posta no livro, provocar com a pergunta: *Como posso dormir em um lugar e acordar em outro? Pode fazer com que as/os participantes tentem desvendar esse mistério.* Para auxiliar na busca por respostas ter cards (Figura 6) entre o/a contador/a e as/os participantes, com imagens de brinquedos, desenhos ou perguntas - podendo tanto ser coletado pelas ilustrações do livro quanto desenvolvido fora dele -, possibilitarão a fabulação e a imaginação a partir de um elemento. Abaixo um exemplo de pequenos cards que podem ser disparadores para investigar a questão principal.

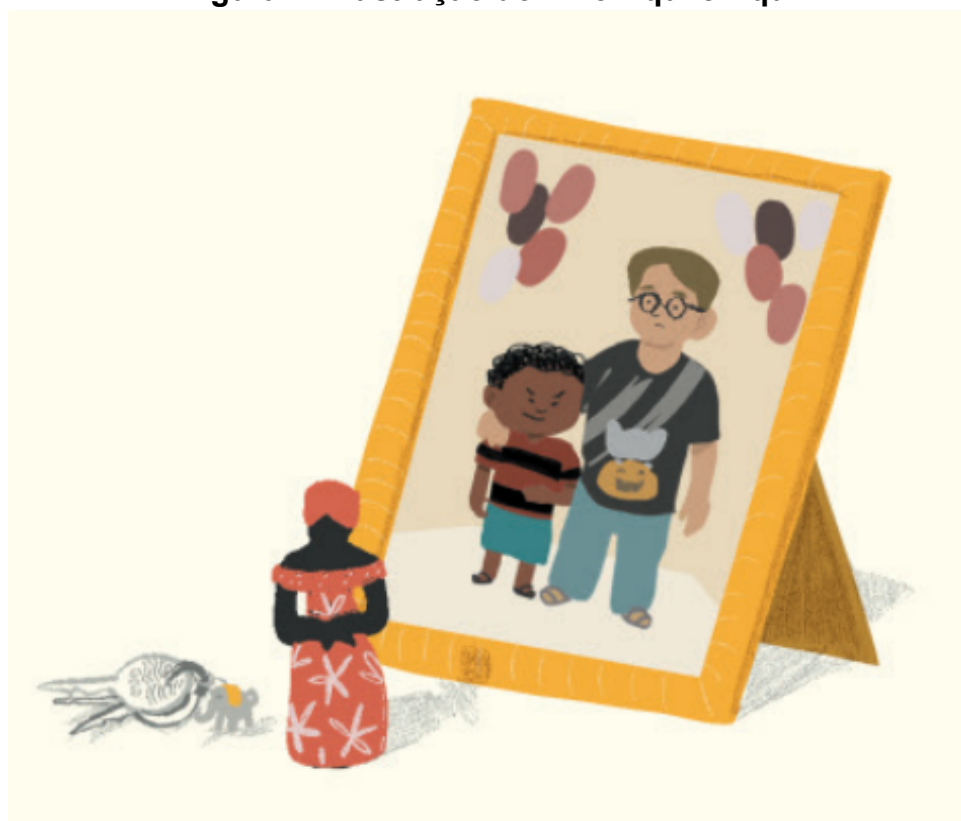
Figura 6 - Cartões para destaque sobre o livro Aqui e Aqui



Fonte: O autor (2023)

Para ilustrar a ideia de dois lugares diferentes, a/o proponente poderá materializar alguns elementos como uma pequena casa, um porta-retrato, algumas plantas ou elementos de calendário, papéis, canetas, lápis e giz de cera. Algo que possa trazer ao ambiente alguma familiaridade com o lar, como quem brinca no chão de casa procurando respostas para seu mundo.

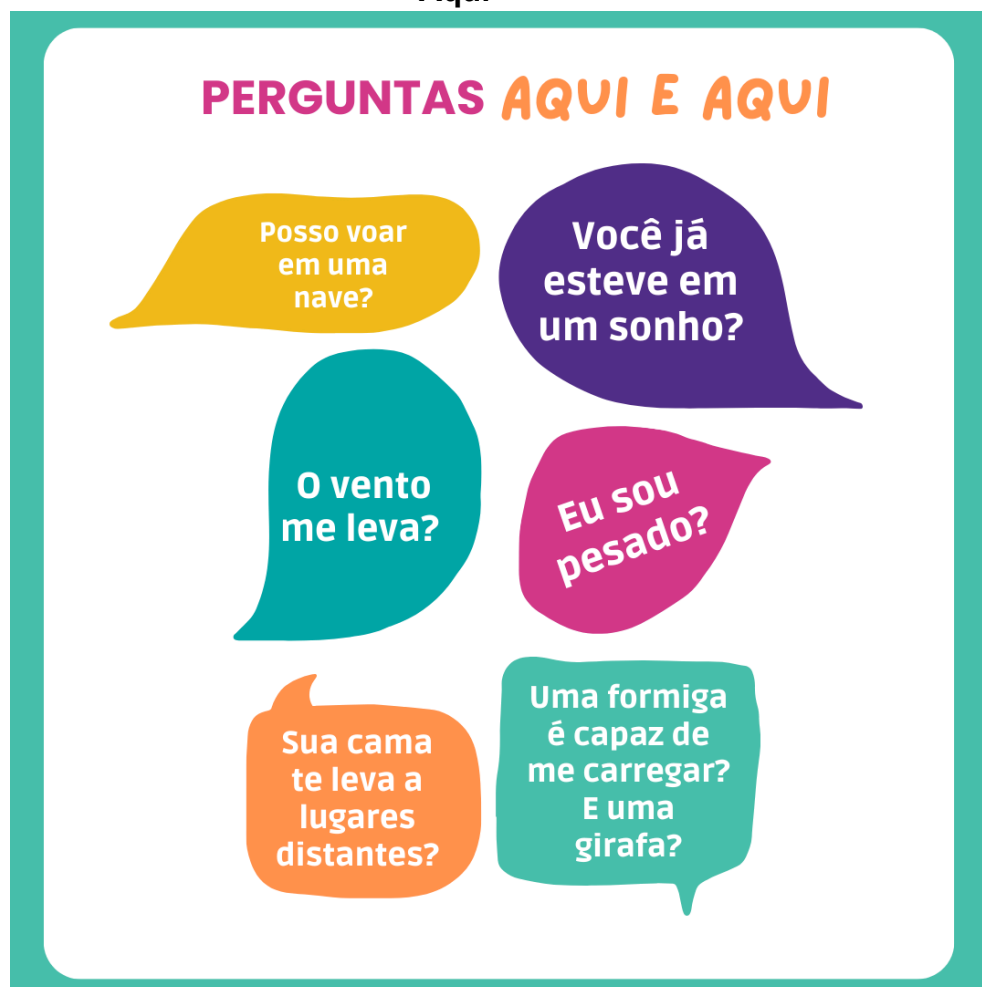
A ideia é que elementos (Figura 7) da imagem do livro ganhem também uma dimensão de realidade para que possamos passear sobre os dois caminhos e a/o proponente da história, possa dispor desses materiais para criar seus laços de narrativa com o mundo das/os participantes.

Figura 7 - Ilustração do livro Aqui e Aqui

Fonte: O autor (2023)

Além de cards com imagens, também poderá ter cartões em formatos de balão de fala ou pensamento com perguntas (Figura 8): O vento me leva? /Uma formiga é capaz de me carregar? E uma girafa? / Eu sou pesado? Posso voar em uma nave? Já fui carregado antes? Sua cama te leva a lugares distantes? / Você já esteve em um sonho? Quem te ajuda a resolver seus mistérios?. A fim de auxiliar e/ou expandir a possibilidade de criação de história das/os participantes, acessando memórias, experiências de vida e exercitando a imaginação na busca de inúmeras respostas para o enigma. Através dessas provocações e das investigações feitas pelos cartões as/os participantes poderão construir narrativas visuais, criando conexões entre cartões e atravessamentos das experiências nas questões discutidas entre todas/todos. As perguntas tencionam ativar e expandir o imaginário da criança que buscará respostas para suas questões por meio de imagens, a partir do que se conhece ou experimenta, compreendendo “sentidos de mundo” (Noguera, 2019).

Figura 8 - Perguntas para a atividade de experimentação do livro Aqui e Aqui



Fonte: O autor (2023)

As narrativas desenvolvidas podem ser expostas pelos/as participantes a fim de partilharem ideias e sugestões sobre a questão inicial, permitindo que a criança se aprofunde em sua pesquisa, a partir da fala e da escuta. Através das trocas, o proponente poderá costurar as imaginações e indagações feitas pelos participantes trazendo a relação da responsável como alguém que cuida e sugerir a possibilidade dela ser também uma pessoa que nos carrega. Surgindo desdobramentos em forma de novos questionamentos: Por que alguém me carrega? / Por que preciso estar em outro lugar? Pausando assim uma proposição que aponta para o cerne de uma investigação estético-pedagógica partir do livro *Aqui e Aqui* (2023): expansão e criação de novos modos de percepção.

Figura 9 - Aqui e Aqui, páginas 22 e 23



Fonte: O autor (2023)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho pude explorar as imbricações que mesclam minha vida pessoal, trabalho artístico e educação, para se pensar experimentações que conectassem o livro *Aqui e Aqui* em diálogo, principalmente, com as reflexões de Luiz Rufino e Renato Nogueira. Emergindo potencialidades de uma experimentação contracolonial, o exercício da educação como política de vida e o conceito de estado de infância como estratégia para se repensar modos de ser no mundo.

Possibilitando imaginar um mundo onde a criatividade e a transformação desempenham papéis centrais na produção de vida. Sendo essa um agente transformador para se inventar novos caminhos.

Percebo o quanto minha trajetória como artista e como educador atravessa o fio condutor da memória, dos afetos, da coletividade e da força contra a colonização, pensando espaços e ações que promovam a empatia, o autoconhecimento, a liberdade e a cura.

Lançando um olhar sobre as belezas e durezas da vida, mas sempre como ponta de lança para a mudanças do *status quo*. Como educador, é necessário pensar espaços onde os alunos também possam fazer esse exercício de sentir o mundo, seja pela memória, pelo afeto, pelo espaço onde é inserido ou por suas percepções, a fim de criar novas formas de sentir a vida, produzindo contrapropostas a uma sociedade de colonizados e colonizadores.

Rever todo o processo artístico, escrever e pensar suas dinâmicas e interações como expansão do trabalho, como bem faz o artista-etc, é traçar novamente um percurso de análise, de provocações e conexões a respeito da obra desenvolvida (O livro Aqui e Aqui) e do ofício de educador, o que permite adensar questões e rever possibilidades da obra no que cerca assuntos relacionados a arte e a educação.

Durante a pesquisa, exercer a função de artista-etc, integrando os campos da produção artística com o da educação fornece possibilidades de expandir a obra em diversas formas, ou discorrer ela em diversos temas, apesar da pesquisa focar em uma possibilidade de experimentação a partir do livro.

Refletir a produção pelo diálogo com os referenciais teóricos e bibliográficos permitiu perceber outros caminhos/temáticas possíveis dentro da obra, como a importância da rede de apoio, o direito a creche, a imaginação como manutenção do sonho, entre outros temas, potencializando não apenas as possíveis novas propostas de experimentações pedagógicas que é a proposta deste trabalho de conclusão de curso, mas também o trabalho como artista, que pensa o projeto, as temáticas, questões e implicações, enriquecendo ambas as produções.

REFERÊNCIAS

AFRICA, Afro & **Pempamsie – Simbologia Adinkra**. 2012. Disponível em: <https://claudio-zeiger.blogspot.com/2012/02/pempamsie-simbologia-adinkra.html>. Acesso em: 19 jan. 2024.

ALANA (Brasil). **Gandhy Piorski lança livro sobre natureza, imaginário e brincar**. 2016. Disponível em: <https://alana.org.br/gandhy-piorski/>. Acesso em: 15 dez. 2023

BASBAUM, Ricardo; CURI, Fernanda. **Ricardo Basbaum, um artista-etc**. 2012. Disponível em: <https://bienal.org.br/ricardo-basbaum-um-artista-etc/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

BASBAUM, Ricardo. **Manual do artista-etc**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

BK', JXNV\$ - Continuação de um sonho (Visualizer). Direção de Jxnv\$ e Bk'. Realização de Akqa/Coala.Lab. Intérpretes: Bk'. Música: Continuação de Um Sonho. Rio de Janeiro, 2022. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kXi-eu1g6dU>. Acesso em: 18 jan. 2024.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], n. 19, p. 20-28, abr. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782002000100003>. CONCEIÇÃO EVARISTO | Escrivência. Intérpretes: Conceição Evaristo. 2020. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 08 jan. 2024.

COMO CULTIVAR OS AFETOS. Roteiro: Renato Nogueira. Rio de Janeiro: Canal do Nogueira, 2022. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ej5oTXCVUnw>. Acesso em: 20 dez. 2023.

G1. **País tem pior índice em 10 anos de escolas públicas com projetos para combater racismo, aponta levantamento**. G1 [online], São Paulo, 25 de jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/07/25/pais-tem-pior-indice-em-10-anos-d-e-escolas-publicas-com-projetos-para-combater-racismo-aponta-levantamento.ghtml>. Acesso em: 20 dez. 2023.

KRENAK, Ailton; LIV. **Uma conversa com Ailton Krenak sobre o tempo e a educação**. 2020. Disponível em: <https://www.inteligenciadevida.com.br/pt/conteudo/ailton-krenak-tempo-e-educacao/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

LOPES, Martha. **Rede de apoio:** cuidar de uma criança não é só tarefa dos pais. cuidar de uma criança não é só tarefa dos pais. 2017. Disponível em: <https://lunetas.com.br/e-preciso-uma-vila/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

MARTINS, André. **Registros de racismo e homofobia no Brasil têm alta de 53% em 2022, aponta Anuário de Segurança**. 2023. Disponível em:

<https://exame.com/brasil/registros-de-racismo-e-homofobia-no-brasil-tem-alta-de-53-em-2022-aponta-anuario-de-seguranca/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

MATHIAS, Antonio Jacinto. É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança. **Cadernos Cenpec | Nova Série**, [S.L.], v. 1, n. 2, p. 12-13, 1 ago. 2006. Centro de Estudos e Pesquisas em Educacao, Cultura e Acao Comunitaria (CENPEC). <http://dx.doi.org/10.18676/cadernoscenpec.v1i2.167>.

MCMARECHAL - Primeiro de abril. Intérpretes: Mc Marechal. Roteiro: Mc Marechal. Música: Primeiro de Abril. Rio de Janeiro: #Vvar, 2016. Son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jynQH2uXm_o. Acesso em: 19 dez. 2023.

NOGUERA, Renato. O poder da infância:: espiritualidade e política em afroperspectiva. **Descolonizar As Crianças em Processo de (Des)Aprendizagens Com Os Saberes Sagrados: O Que Pode Uma Criança nos Ensinar?**, Rio Grande – Rs, v. 28, n. 1, p. 127-143, 25 abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/issue/view/648>. Acesso em: 10 nov. 2023.

O CARÁTER SOCIAL E HISTÓRICO DA INFÂNCIA. Roteiro: Renato Nogueira. Rio de Janeiro: Casa do Saber, 2021. Son. color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bNov1JfJ7fw>. Acesso em: 08 jan. 2024.

PINTO, Núria R.; BK'. **BK: “Sempre que você começa a trabalhar com arte a sua sensibilidade para o mundo é maior.** Disponível em: <https://www.rimasebatidas.pt/bk-sempre-voce-comeca-trabalhar-arte-sensibilidade-mundo-maior/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

PIORSKI, Gandhy; NUNES, Mônica. **Livro e exposição de Gandhy Piorski revelam o poder da imaginação na infância e no brincar.** 2016. Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/livro-e-exposicao-de-gandhy-piorski-revelam-imaginacao-na-infancia-e-o-brincar/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda::** educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **COLONIZAÇÃO, QUILOMBOS::** modos e significações.. Brasília: Inct/Unb, 2015.

SATRAPI, Marjane. **Persépolis Completo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ZERO, Caio. **Aqui e Aqui.** São Paulo: Companhia das Letras, 2023.